

Uma nova espécie e duas novas combinações em Myrtaceae do Brasil

Marcos Sobral¹

Departamento de Botânica, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais

Abstract

A new species and two new combinations in Myrtaceae of Brazil. *Eugenia matogrossensis*, a new species from the Brazilian states of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul, is described, illustrated and compared with the apparently related *Eugenia stictopetalae*, from which it can be distinguished by the acuminate blades with prominent midvein on both sides and larger pedicels and flowers. The following new combinations are presented: *Myrcia flagellaris* and *Plinia pseudodichasiantha*, in replacement of *Gomidesia flagellaris* and *Myrciaria pseudodichasiantha*, respectively.

Keywords: *Eugenia*, *Gomidesia*, *Myrciaria*, *Plinia*, Atlantic Forest, Cerrado, Neotropics, taxonomy.

Introdução

A família Myrtaceae no Brasil compreende em torno de 1000 espécies distribuídas em 19 gêneros (Landrum & Kawasaki 1997). O único estudo da família ao longo de todo o território nacional foi o de Berg (1857-1859); posteriormente houve diversos estudos regionais (e.g. Kiaerskou, 1893; Legrand & Klein; 1967-1978; Mattos, 1984; Kawasaki, 1989; Nic Lughadha, 1995; Arantes & Monteiro, 2002; Sobral, 2003) e algumas revisões genéricas (Landrum, 1981, 1986; Proença, 1990) que representaram progressos na compreensão das espécies brasileiras. Entretanto, diversas regiões do país são ainda escassamente investigadas e, nelas, quando maiores esforços de coleta são realizados, freqüentemente são encontradas espécies ainda não descritas ou imperfeitamente conhecidas. Examinando coleções dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, no centro-oeste do Brasil, tive a oportunidade de examinar uma espécie não identificada de *Eugenia* que é aqui proposta como nova. Adicionalmente, são propostas duas novas combinações para espécies do sudeste do Brasil.

1. Uma nova espécie de *Eugenia*

Eugenia matogrossensis Sobral, sp. nov.

Tipo - BRASIL. Mato Grosso do Sul. Rio Branco: Rodovia MT-247, 59 Km de Lambari, 11 maio 1995, G. Hatschbach, A.

Pott, V. Pott e J.M. Silva 62642 (MBM, holótipo; BHC, isótipo). Fig. 1.

Species *Eugenia stictopetalae* proxima, a qua foliis acuminatis nervo medio adaxialiter prominentibus, pedicellis et floribus majoribus recedit.

Arbustos a arvoretas 1-4 m de altura. Plantas glabras ou com tricomas rufescentes nas inflorescências e brácteas, ocasionalmente nas folhas, de 0,2-0,4 mm compr. Pecíolos 3-6 mm compr. x 1-1,8 mm larg. Lâminas lanceoladas ou oblanceoladas, 7-11 x 2-3,5 cm, às vezes discolores em material herborizado, as glândulas translúcidas 0,1-0,2 mm diâm., visíveis nas duas faces, mais evidentes na abaxial; ápice obtuso-acuminado, agudo a longo-acuminado, ocasionalmente mucronulado; base cuneada; nervura central fortemente saliente em ambas as faces; nervuras laterais 10-20 pares, formando um ângulo de 50-60 graus com a central, salientes nas duas faces, mais evidentemente na abaxial; nervuras marginais duas, 0,8-2 mm e 0,3-0,5 mm da margem, esta freqüentemente revoluta e ocultando a nervura marginal mais externa. Inflorescências axilares, racemiformes, com 4-8 flores, o eixo 5-10 x 1-1,2 mm; brácteas elípticas, 1-1,5 x 0,5-0,8 mm; pedicelos 6-15 x 0,5-0,6 mm, de tamanhos variáveis ao longo do eixo, os proximais geralmente menores que os distais; bractéolas ovadas a elípticas, persistentes na antese, 1-1,2 x 0,5-0,9 mm, com cfilios de até 0,1 mm; botões

Received: 11-II-05

Accepted: 12-II-08

Distributed: 18-IX-09

¹ Endereço atual: Departamento de Ciências Naturais, Universidade Federal de São João del-Rei, Praça Dom Helvécio 74, 36301-160 - São João del-Rei, MG, Brasil. E-mail: marcos_sobral@hotmail.com.

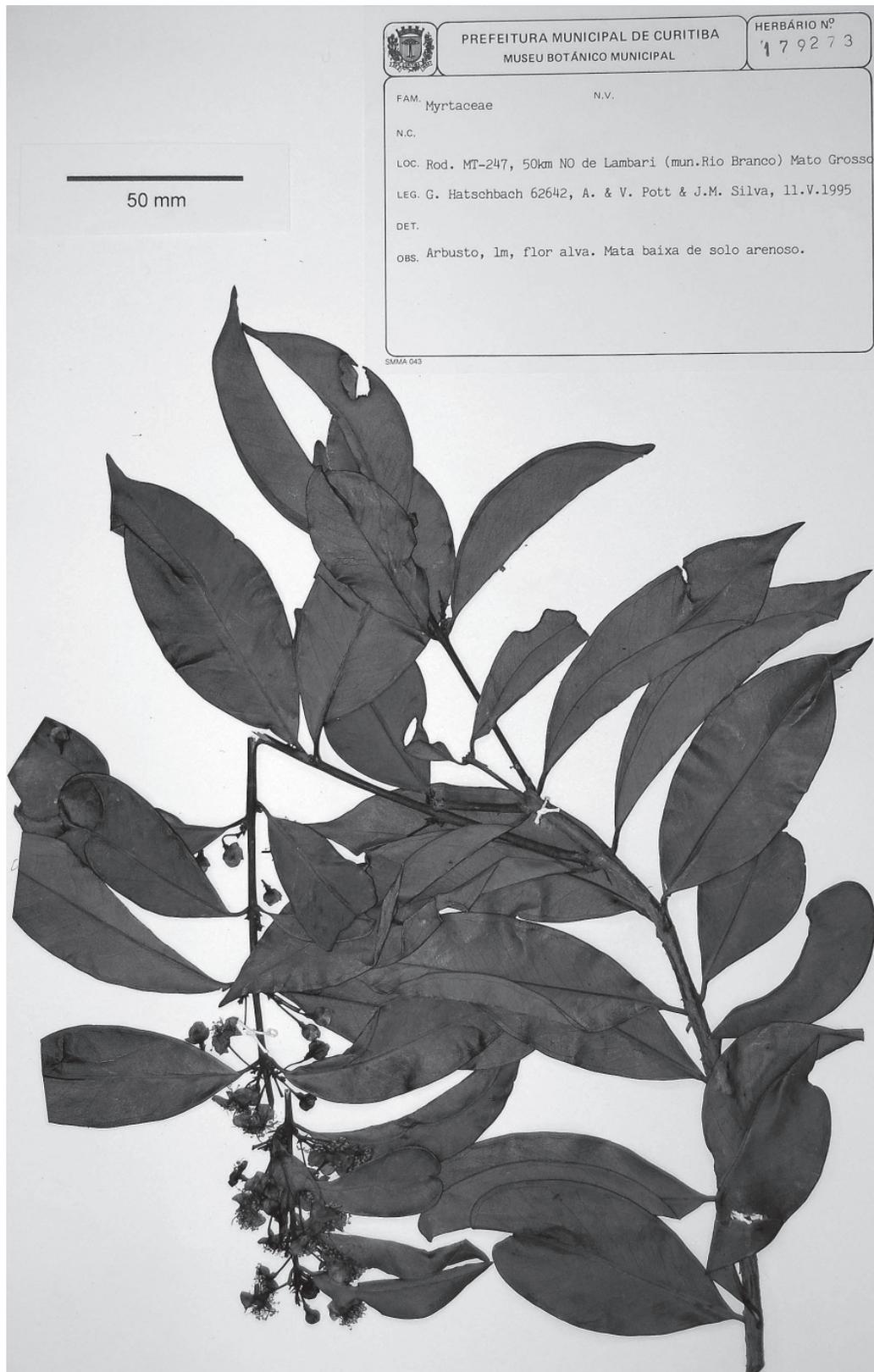


Figura 1 - *Eugenia matogrossensis*. Hatschbach et al. 62642 (holótipo, MBM). Escala: 50 mm.

florais globosos ou elípticos, 7-9 x 5 mm antes da antese, com o ovário claramente distinto do cálice; lobos do cálice ovados, triangulares ou arredondados, 2,5-4 x 2-3 mm, às vezes um pouco desiguais; pétalas arredondado-espataladas, 6-7 x 6 mm, com cílios 0,1-0,2 mm; anel estaminal subquadrangular, 3-4 mm diâm., estames em torno de 100, com 6 mm, anteras elípticas ou oblongas, 0,5-0,7 x 0,4 mm, sem glândulas evidentes; estilete 7-8 mm, estigma puntiforme; ovário 2-locular, com 10-14 óvulos de placentação axilar por lóculo. Frutos globosos, 20-30 mm de diâmetro, vermelhos quando maduros, com 1 semente, coroados pelos lobos do cálice; sementes elípticas, 15-18 x 15 mm, com testa dura, cerca de 1 mm de espessura em material herborizado; embrião reniforme, 15 x 12 mm, com cotilédones soldados e uma crista longitudinal no dorso simulando um hipocótilo, mas soldada aos cotilédones e indistinguível deles.

Hábitat, distribuição e fenologia - planta de savanas (cerrados) de solos arenosos e transição entre cerrados e florestas, conhecida até o momento somente para alguns municípios do Estado do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; flores foram coletadas em março e maio e frutos de julho a outubro.

Afinidades - *Eugenia matogrossensis* é aparentemente próxima a *E. stictopetala* DC., espécie amplamente distribuída desde a Amazônia (McVaugh 1969, sob *E. tapacumensis* O.Berg; sinonímia segundo Govaerts *et al.* 2008) até a floresta atlântica do Espírito Santo (Santa Maria de Jetibá: Kollmann 5804; BHCB, MBML), coletada também no Mato Grosso (Berg 1857-1859, sob *E. eschholtziana* O.Berg; sinonímia segundo Govaerts *et al.* 2008) e em Goiás (Niquelândia: Irwin *et al.* 34930; NY). As duas podem ser separadas pelos caracteres na chave a seguir:

- 1a. Lâminas até 13 x 6 cm, com nervura central plana ou sulcada na face adaxial e ápice agudo ou obtuso, nunca acuminado; pedicelos até 4 mm; bractéolas até 0,5 mm e lobos do cálice até 1 mm *Eugenia stictopetala*
 1b. Lâminas até 11 x 3,5 cm, com nervura central marcadamente saliente na face adaxial e ápice acuminado, raro agudo; pedicelos até 15 mm; bractéolas até 1,2 mm e lobos do cálice até 4 mm *Eugenia matogrossensis*

Nome comum - guabirola (segundo Becker Filho 41).

Parátipos - BRASIL. Mato Grosso. Barra dos Bugres: 23 out. 1995, Hatschbach *et al.* 63763 (BHCB, MBM, SP). Mirassol do Oeste: 11 maio 1995, Hatschbach *et al.* 62650 (MBM, SP). Reserva do Cabaçal: 26 out. 1995, Hatschbach *et al.* 63979 (BHCB, MBM). Salto do Céu: 25 out. 1995, Hatschbach *et al.* 63877 (BHCB, MBM). Tapurá: 12°37'S, 56°22'W, 12 jun. 1997, V. C. Souza *et al.* 17877 (BHCB, ESA). Sem município: 14°08'S, 56°43'W, Km 234 BR-364, 13 mar. 1978, Becker Filho 41 (HRB, RB); rio Sepetuba, 460 m, 15°00'S, 54°47'W, 27 set. 1979, Becker Filho 86 (HRB, RB).

2. Novas combinações

***Myrcia flagellaris* (D. Legrand) Sobral, comb. nov.**

Basônimo - *Gomidesia flagellaris* D. Legrand, Sellowia 13: 279. 1961 (tipo: Santa Catarina, Reitz e Klein 5745, holótipo MVM, não visto; isótipo HBR).

A distinção mais marcante entre *Myrcia* e *Gomidesia* é a abertura sinuosa das anteras neste último gênero (reta em *Myrcia*). Landrum & Kawasaki (1997) consideram *Gomidesia* como sinônimo de *Myrcia*, com o que concordo, ainda que aparentemente as espécies antes incluídas neste gênero representem um grupo filogeneticamente coeso dentro do variável gênero *Myrcia* (Lucas *et al.* 2007).

Myrcia flagellaris é uma arvoreta da floresta atlântica, coletada desde São Paulo a Santa Catarina.

***Plinia pseudodichasiantha* (Kiaersk.) G. Barroso ex Sobral, comb. nov.**

Basônimo - *Eugenia pseudodichasiantha* Kiaersk., Enum. Myrt. Bras.: 177. 1893 (tipo: Glaziou 13452, C, não visto; isótipo MBM). Sinônimo: *Myrciaria pseudodichasiantha* (Kiaersk.) Mattos & D. Legrand, Lofegrenia 67: 5. 1975.

Descrita inicialmente como *Eugenia pseudodichasiantha* (para descrição ver Kiaerskou 1893), a presença de tubo do cálice evidente (ausente ou insignificante em *Eugenia*) e dois óvulos em cada lóculo (geralmente numerosos em *Eugenia*) levou Legrand & Mattos (1975) a transferir esta espécie para *Myrciaria*, uma decisão coerente com os dados disponíveis à época, pois os frutos eram desconhecidos. Recentemente esta espécie foi coletada em frutos (Espírito Santo: Kollmann 2275; BHCB, MBML) e foi possível verificar que o tubo do cálice é persistente (sendo decíduo em *Myrciaria*) e as sementes têm cotilédones separados (soldados na maior parte das *Myrciaria*). Estas duas características em conjunto permitem, dentro dos conceitos correntes (McVaugh 1969, Landrum & Kawasaki 1997), considerar *Eugenia pseudodichasiantha* como uma espécie de *Plinia*.

Graziela Barroso (1912 - 2003) também chegou a esta conclusão, tendo deixado esta observação anotada em algumas exsicatas do herbário RB, mas faleceu antes de publicá-la.

Agradecimentos

A Gert Hatschbach (MBM) e Vinícius Souza (ESA), pela sua colaboração ao ceder duplicatas de suas coletas, aos curadores dos herbários citados, pelo auxílio no exame de seus acervos e a dois revisores anônimos que colaboraram para a melhoria do texto.

Referências

- Arantes, A. A. & Monteiro, R. 2002. A família Myrtaceae na Estação Ecológica do Panga, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. **Lundiana**, 3: 111-128.
- Berg, O. C. 1857-1859. Myrtaceae. In Martius, K.F.P. von (org.) **Flora Brasiliensis**, 14: 1-656.
- Govaerts, R.; Sobral, M.; Ashton, P.; Barrie, F.; Holst, B. K.; Landrum, L. R.; Matsumoto, K.; Mazine, F. F.; Nic Lughadha, E.; Proença, C.; Soares-Silva, L. H.; Wilson, P. G. & Lucas, E. 2008. **World Checklist of Myrtaceae**. Kew, Royal Botanic Gardens. 455p.
- Kawasaki, M. L. 1989. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Myrtaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo**, 11: 121-160.

- Kiaerskou, H. 1893. Enumeratio myrtacearum brasiliensium. In Warming, E. (ed.) **Symbolarum ad floram Brasiliae Centralis cognoscendam**, **39**: 1-199
- Landrum, L. R. 1981. A monograph of the genus *Myrceugenia*. **Flora Neotropica**, **29**: 1-137.
- Landrum, L. R. 1986. *Campomanesia*, *Pimenta*, *Blepharocalyx*, *Legrandia*, *Acca*, *Myrrhinium* and *Luma*. **Flora Neotropica**, **45**: 1-178.
- Landrum, L. R. & Kawasaki, M. L. 1997. The genera of Myrtaceae in Brazil: an illustrated synoptic treatment and identification keys. **Brittonia**, **49**: 508-536.
- Legrand, C. D. & Klein, R. M. 1967-1978. Mirtáceas. In Reitz, R. (org.) **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí. 876 p.
- Lucas, E. J.; Harris, S. A.; Mazine, F. F.; Belsham, S. R.; Nic Lughadha, E.; Telford A.; Gasson, P. E.; Chase, M. W. 2007. Suprageneric phylogenetics of Myrteae, the generically richest tribe of Myrtaceae (Myrtales). **Taxon**, **56**: 1105-1128.
- Mattos, J. R. 1984. Myrtaceae do Rio Grande do Sul. **Roessléria**, **6**: 3-394.
- McVaugh, R. 1968. The genera of american Myrtaceae - an interim report. **Taxon**, **17**: 354-418.
- McVaugh, R. 1969. Flora of the Guayana Highland - Myrtaceae. **Memoirs of the New York Botanical Garden**, **18**: 55-286.
- Nic Lughadha, E. 1995. Myrtaceae. p. 492-547 in Stannard, B. (org.) **Flora of the Pico das Almas**. Kew, Kew, 853 p.
- Proença, C. E. B. 1990. A revision of *Siphoneugena*. **Edinburgh Journal of Botany**, **47**: 239-271.
- Sobral, M. 2003. **A família Myrtaceae no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Unisinos, 215 p.